

O Parque – Plaza Internacional A Fronteira Urbana e Emocional

Arq. Andréa L. Hamilton Ilha

Arquiteta e Urbanista. Livramento – RS, Brasil

Dr. Eduardo R. Palermo

Historiador. Museo del Patrimonio – Rivera - Uruguay

Abstract

Falar sobre esta fronteira é falar sobre um universo perdido em conceitos e legislações que na maior parte das vezes o fronteiriço não compreende e não consegue aplicar. Conceitos como limite e fronteira se confundem num processo de negação e afirmação da identidade. A legislação não reflete a realidade da vida cotidiana, então acabam todos por segui-la ou não, conforme a conveniência. Mas se tem a sorte da escolha entre ser daqui ou dali.

Pretendemos aqui fazer uma análise histórica e espacial sobre a formação da fronteira Santana do Livramento Rivera, em especial seu espaço urbano como conurbação, identificando o Parque Internacional como território simbólico que em sua concepção e uso, reflete o sentido do ser fronteiriço, do espaço compartilhado entre dois países, que significa também compartilhar história e cultura.

Limites x Fronteira

Santana do Livramento e Rivera são cidades gêmeas na fronteira do Brasil com o Uruguai, um dos poucos casos em que as cidades possuem continuidade na malha urbana, conformando uma conurbação.

Na sua origem, teve seu povoamento marcado por disputas territoriais entre as coroas Portuguesa e Espanhola. Enquanto a definição dos limites dos territórios era discutida e traçados de forma diplomática, Portugal aplicava a estratégia da ocupação do território. Quando os limites finalmente foram definidos,

todo o Norte do que é hoje o Uruguai, pertencia a Lusos-brasileiros.

A forma como se deu a ocupação desse território, diz muito sobre o que é fronteira.

Enquanto os limites são uma abstração, uma linha imaginária traçada em um mapa ou em um plano onde cada Estado busca o controle sobre seu território, independente de existir ou não uma população, a Fronteira é resultado da interação social, cultural, emocional. É uma zona de contato e de troca, com muitas possibilidades. A fronteira Santana do Livramento Rivera atraiu imigrantes de diversas nacionalidades ao longo da história, por ser um lugar das possibilidades. Além dos povos indígenas que já habitavam essas terras, além de portugueses e espanhóis que vieram e disputaram o território, os povos de origem africana trazidos como mão de obra escravizada, depois os italianos, os bascos, os sírio-libaneses, palestinos e franceses, muitos outros fizeram deste um povo mestiço que hoje identificamos como fronteiriço. A fronteira é também mutante, se expandindo e se retraindo conforme a temática estudada, indo por vezes do Rio Negro ao Rio Ibicuí. Mas os núcleos urbanos de Santana do Livramento e Rivera estão no centro deste território e representam bem o sentido de ser fronteira.

Segundo o mexicano Ocampo Marín: “El territorio es un constructo social, una valoración, una fabricación, un producto, un espacio tatuado por la historia y la cultura, que se construye a través de prácticas, estrategias, percepciones y la manera de leerlo que tienen los miembros del grupo que lo constituye. Es un espacio que necesita la densidad del tiempo, las repeticiones silenciosas, las mutaciones lentas,

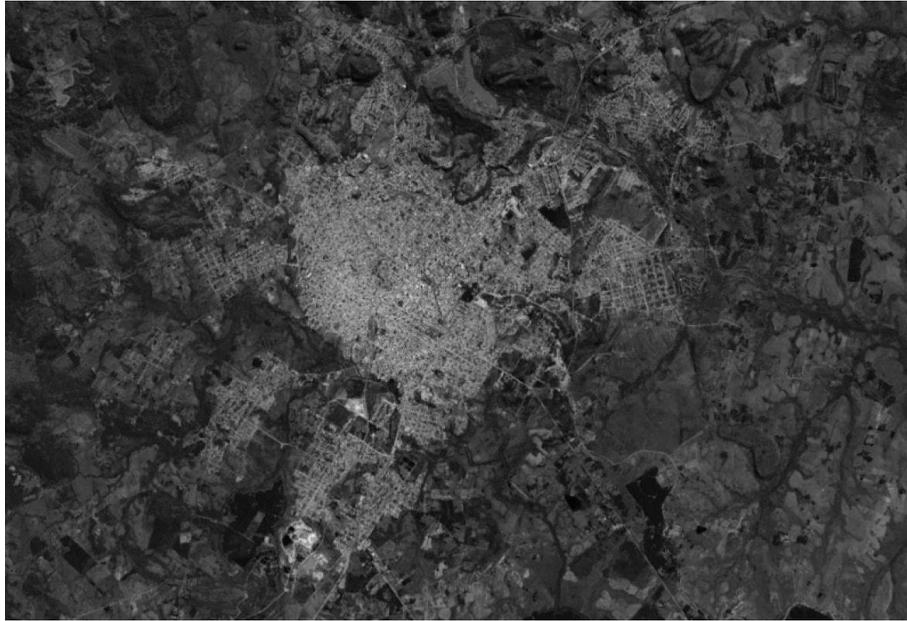


Figure 1. Conurbação Urbana Santana do Livramento-Rivera, Imagem google earth – 2019.

el trabajo del imaginario social y de la norma para existir como territorio.” (2005:3)

Compartilhamos este conceito de território que é facilmente aplicável ao território fronteiriço em questão, que chamamos território emocional, com forte sentido de pertencimento e diversidade.

Processo histórico

Santana do Livramento comemora sua fundação em 1823, com a autorização da construção da Capela, na Coxilha de Santana, a partir daí a povoação inicia com a ocupação dos terrenos próximos e a demarcação de uma praça em frente à Igreja. Em 1826, foi instalado o acampamento militar Imperial Carolina próximo ao local da Capela, os engenheiros militares vindos com as tropas, fizeram o primeiro traçado das ruas e lotes. O traçado regular acompanhava a topografia, gerando quarteirões e lotes de diversos tamanhos. Os militares e suas famílias, além das famílias dos proprietários das estâncias, passaram então a ocupar estes lotes e a construir suas casas. Com a concentração das moradias vieram os comércios. Este local escolhido para o início da povoação fica a cerca de um quilômetro de distância do território Uruguaio. Por ser região da fronteira se transformou em entreposto comercial e por seu bioma característico, se

desenvolveram as atividades de produção voltadas à pecuária.

Por sua vez o território Uruguaio nessa região pertencia, na sua maioria, a brasileiros-sulriograndenses, que já haviam instalado suas estâncias de criação de gado antes mesmo da definição de limites entre as nações, preocupando os uruguaios. Decorrente desta preocupação foram feitos diversos tratados, entre eles o de Limites em 1851.

Preocupados com a soberania do Estado Uruguaio, e para tentar uma hegemonia de nação, o presidente Gabriel Antonio Pereira propõe um projeto de colonização em 1857.

“Los departamentos fronterizos con el Brasil, están ocupados en su mayor parte por hacendados brasileños. La extensa zona de territorio comprendido entre la frontera y el Río Negro, es el criadero de los ganados destinados para las faenas de los saladeristas de Río Grande. [...] De este modo estorban la subdivisión territorial y la población agrícola y defraudan al País. Pero no es solo eso lo que nuestro país perderá: perderá en sus elementos de poder, de seguridad y de defensa, y si continúan las cosas como están, si la población brasileña, tan considerable ya, se hace exclusiva (...) pudiera venir en el futuro dificultades tan

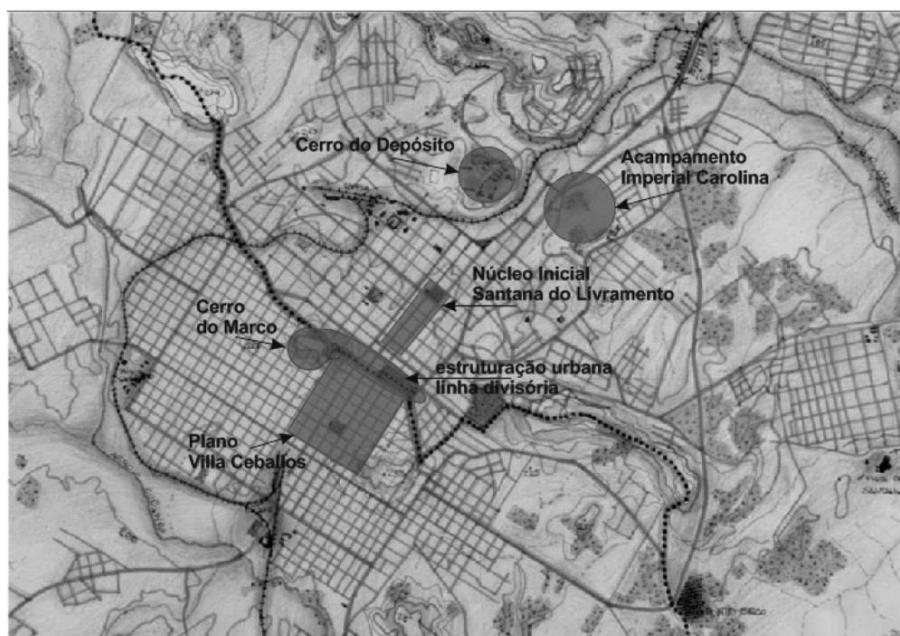


Figure 2. Mapa área central da Conurbação Santana do Livramento-Rivera, Plano de Desenvolvimento Urbano Conjunto-1998.

graves, que se resuelvan quizás en cuestiones de Nacionalidad e Independencia”.

Em 1860 se impulsionou por parte do Estado Uruguiaio, uma política de orientalização da fronteira com a fundação de povoações e postos aduaneiros.

Foi quando em 1862 é fundada a Villa Ceballos, posteriormente denominada Rivera em 1867. O Projeto da Vila, feito pelo Engenheiro Agrimensor Martin Pays, possui traçado regular, com ruas, quarteirões e lotes iguais, característica das ocupações de origem espanhola, as ruas possuíam dezesseis metros de largura, a principal, trinta e dois metros. O projeto previa também cinco praças e cemitério. Sua implantação se dá de frente a povoação de Santana do Livramento, confrontando-se com esta e marcando definitivamente a presença do Estado Uruguiaio no território. Porém, mesmo frente a frente, foram feitas ligações viárias que fazem a integração das duas povoações.

Próximo à linha divisória, existia uma faixa não ocupada e não conformada urbanisticamente, chamada de areal. Neste local chegavam carretas com mercadorias e se dava o comercio e o contrabando. Com o passar do tempo e com a aproximação da área urbana que cresceu no

sentido de unir as duas cidades, esse espaço passou a abrigar também atividades de lazer.

O Parque – Plaza Internacional *Arquitetura urbana de integração*

A ideia de construir um passeio internacional nesse lugar da fronteira teve sua origem na oportunidade em que se celebrou a Quinta Conferência da Comissão Mista de Limites, no Rio de Janeiro, em 1923.

Aquele amplo espaço existente, chamado areal, foi motivo de discussão entre os representantes do Uruguai e do Brasil respectivamente, Virgilio Sampognaro e Mariscal Gabriel Souza Pereira Botafogo, durante a Conferência. O representante uruguiaio propôs criar ali, naquele espaço de difícil delimitação, uma praça internacional, uma ideia sem precedentes na história das demarcações de limites, um espaço comum entre os dois países. O acordo firmado formalizou a linha divisória entre as cidades de Rivera e Santana do Livramento de forma convencional, seguindo o divisor de águas, como estabelecido no tratado de 1851 e a proposta da criação da praça foi levada a consideração dos respectivos governos.

Assim surge um espaço compartilhado entre os dois países, todo brasileiro e todo uruguiaio.



Figure 3. Parque-Plaza Internacional. 1943. Fotografia: Adolfo Gil

Foram muitas propostas apresentadas para o projeto da Plaza-Parque, nas conferências seguintes. Finalmente a praça foi construído e inaugurada vinte anos depois, em fevereiro de 1943. Seu projeto sofreu alguns acréscimos e alterações posteriores até se tornar o espaço público compartilhado pelos dois países, sobre tudo pelos santanenses e riverenses, e que é explorado turisticamente como símbolo da “Fronteira da Paz”.

A praça está conformada com características especiais que a fazem única no mundo. Compreende uma superfície de aproximadamente cinquenta e cinco mil metros quadrados, incluídas suas avenidas e forma um conjunto ornamental simetricamente disposto em um lado e outro da linha divisória que serve de eixo longitudinal. Todo o espaço compreendido pela praça e pelas avenidas circundantes beneficia por igual às pessoas de um e outro país, que usufruem o passeio nas mesmas condições, sendo brasileiras ou uruguaias.

Foi construída em três planos adaptados conforme a topografia do terreno, que possui

uma diferença de nível de 7 metros e 42 cm entre os extremos do seu eixo longitudinal.

Este eixo atua como uma verdadeira espinha dorsal, conserva suas características de divisor de águas entre os lados da praça. O primeiro plano da praça, o plano superior, está situado junto à avenida principal de união da cidade de Rivera e da cidade de Santana do Livramento, sua característica é de uma praça jardim. Em seu centro, de frente para a avenida, foi construído um monumento símbolo da fraternidade uruguaio-brasileira, um obelisco triangular de quinze metros de altura. Em sua base ostenta os escudos nacionais do Brasil e do Uruguai, colocados sobre as faces que dão de frente a seus respectivos países, sua base é cercada por uma cadeia de 33 elos, que é um simbolismo maçônico. Todo o Parque é um monumento à fraternidade dos povos no conceito maçônico. Na parte superior foram colocados dois relógios sincronizados com a hora oficial de cada país. Um mecanismo localizado em um compartimento especialmente construído dentro da base do monumento aciona ambos os relógios.

O conjunto do monumento foi projetado pelo arquiteto uruguaio Modesto Paes Seré e foi



Figure 4. Parque-Plaza Internacional, fuente luminosa. 2020. Fotografia: Andréa H Ilha

calculado e construído sob a direção do engenheiro brasileiro Antenor Trindade Barbosa.

O segundo plano tem as características de uma praça de descanso e não apresenta comunicação com os passeios exteriores do entorno do Parque. No centro foi colocado uma fonte luminosa, de forma circular, com diâmetro de doze metros, cujo simbolismo, no sentido maçônico, é a mulher representada na água.

Duas amplas escadarias centrais comunicam este segundo plano com o adjacente. Os passeios internos estão pavimentados com pedras portuguesas, de cor branca e preta formando desenhos ornamentais, e nas suas margens com o desenho simbólico de correntes.

A solução de continuidade entre os planos foi resolvida com taludes transversais, revestidos com vegetação, que acompanham as escadas centrais.

O terceiro plano apresenta um amplo espaço central e particularmente próprio a eventos e reuniões públicas. Centralizado neste espaço foi colocado um monumento à mãe e à paz, simbolizando também a fraternidade entre os países.

Recentemente foi construída uma edificação, para abrigar um centro de informações turísticas

e serviços de apoio, que faz às vezes de pórtico do parque na sua extremidade inferior.

A vegetação predominante no parque são as árvores de grande e médio porte promovendo sombra e ambiências diversas.

O passeio externo ao parque é calçado com ladrilhos nas cores amarelo e vermelho, formando também desenhos de correntes que abraçam todo o parque. Tem quatro metros de largura e oitocentos e cinquenta metros de perímetro. As avenidas circundantes foram construídas com vinte e cinco metros de largura, cujo corte transversal apresenta calçadas e canteiro central com seis e quatro metros de largura respectivamente.

A urbanização do parque Internacional, somada a outras obras de urbanização no chamado Cerro do Marco e avenidas sobre a linha divisória, feitos da década de 1940, integraram urbanisticamente as duas cidades, consolidando-as como Conurbação Urbana.

Conclusões

As relações do fronteiro com o uso do território também refletem diversidade, são múltiplas possibilidades. Usamos os serviços do Brasil, do Uruguai, conforme a conveniência no momento. Brasileiros estudam nas escolas em Rivera e uruguaios estudam nas universidades brasileiras, o mesmo ocorre com os serviços de

saúde. O comércio é livre, movido conforme a economia favorável para um lado ou outro da linha divisória. Grande parte dos comerciantes tem seus negócios tanto no Brasil quanto no Uruguai, para garantir segurança financeira diante da mobilidade do valor da moeda. Assim, migram também os postos de trabalho. A cotação da moeda e o valor dos serviços de infraestrutura urbana e impostos também acabam por influenciar a escolha do lado para se morar, interferindo na lógica do mercado imobiliário. Santanenses e riverenses se apoiam social, cultural e economicamente um no outro.

Em março de 1885, na edição do periódico “La Voz de Rivera”, foi publicado o seguinte texto referente à Rivera – Livramento: “efectivamente existe una línea divisoria que nos separa materialmente (...) pero moralmente esta borrada esa línea (...) no existe para los sentimientos, para los nobles impulsos del corazón, no existe línea para la amistad fraternal de ambos pueblos, para el acuerdo de sus voluntades, para el goce común de las alegrías, existe la línea que divide territorios, pero no la que separa las almas. (...) A despecho de los pesimistas Rivera y Santa Ana constituyen una sola alma en dos cuerpos. (...) con nuestra sincera amistad hemos borrado la línea material que nos separa”.

Analisando o Parque como espaço urbano que representa a vida fronteiriça, identificamos através da história essa multiplicidade de usos e apropriações, e a dificuldade dos governos



Figure 5. Parque-Plaza Internacional - Imagem google earth – 2019

gerenciarem esse território comum. Simbolicamente sua inauguração em 1943, representando a integração de dois países, se dá durante a Segunda Guerra Mundial. É dizer: escolhemos a Paz ao invés da Guerra.

Por fim, os fronteiriços estão acostumados a mudanças, se adaptam e tem uma forma muito especial de viver a fronteira. É preciso viver a fronteira para entendê-la.

A identidade fronteiriça está nas diferenças e no sentimento de pertencer a um território que é muito mais emocional do que físico.

A Fronteira, assim como o Parque Internacional, é mais que um mais um, é o triunfo do coletivo sobre as nacionalidades.

Bibliografia

1. CAGGIANI, Ivo. Santana do Livramento, 150 anos de história. Livramento: Ed. ASPES, 1983.
2. HAMILTON ILHA, Andréa, PALERMO, Eduardo R. “Sobre nosotros: o território emocional fronteiriço”, Em: Travessias na linha de fronteira Brasil-Uruguay. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas. Palestra dia 18 de outubro de 2019.
3. M.T.O.P.-M.V.O.T.M.A.-L.M. de Rivera – O.S.E. / METROPLAN – FEPAM – PM de Santana do Livramento. Plano de Desenvolvimento Urbano Conjunto – Rivera Santana do Livramento, Volume II, 1998.
4. OCAMPO MARÍN, Luis F. “De lo regional a lo territorial”. En: VI Encuentro de Postgrados Iberoamericanos sobre Desarrollo y Políticas Territoriales, Toluca, México, 19 a 21 de setiembre de 2005. Acceso en: www.territorioscentroamericanos.org/redesar/Sociedad%20Rurales/Regiones%20y%20territorios.pdf
5. PALERMO, Eduardo R. Terra Brasiliensis, la región histórica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX-1850-1900. Porto Alegre: Ed. MP, 2019.
6. RHODEN, Luiz Fernando. Urbanismo e arquitetura na região fronteiriça do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX. Porto Alegre: Armazém Digital, 2013.
7. SCHÄFFER, Neiva Otero. Urbanização na Fronteira, a expansão de Santana do Livramento. Porto Alegre: ED. Universidade/ UFRGS/ Prefeitura Municipal de Santana do Livramento, 1993.